

# O negociador da dívida *ext.*

É fantástico — para não usar outro adjetivo — ver como ex-ministros e alguns jornais se exaltam e se exasperam na cobrança da dívida externa brasileira. Formam na primeira linha de apoio aos bancos estrangeiros que nos pressionam a pagar uma dívida contraída em meio à corrupção na ditadura e que é responsável pelo empobrecimento do povo brasileiro.

Dívida externa e guerra deviam ser da responsabilidade pessoal de presidentes e generais. Se eles firmassem “papagaios” com sua assinatura e responsabilidade individuais seriam mais parcimoniosos. Da mesma maneira, se o generais fossem para o campo de batalha arriscar a vida, hesitariam muito em autorizar o primeiro tiro.

Quando o marechal Castello Branco, após o golpe de 64, tomou poder, proclamou-se síndico de uma falência. Sabem quanto o Brasil devia, apesar de todo o cerco brutal dos Estados Unidos ao governo João Goulart? Três bilhões de dólares. Quando os militares devolveram o poder aos civis, a dívida era de cem bilhões de dólares, contraída por governos empenhados em atender aos interesses de Washington e das multinacionais, sustentados pelo Departamento de Estado contra a vontade da população. Muito desse dinheiro não veio para cá. Foi mera jogada contábil. Ou, então, trapaça. Em certos casos, teria saído mais barato pagar apenas a proprina aos negociadores.

Ninguém ignora que o ex-ministro da Fazenda de Geisel, Mário Henrique Simonsen, arranjou uma “boca” no Citibank, o nosso maior credor, assim que deixou o poder em que tanto favoreceu o futuro patrão.

Todos sabem o que houve de irregularidades em tais transações depois que o grupo de Delfim Netto, mais voraz que nunca, voltou ao poder. Seu próprio chefe foi apontado por um coronel do SNI como tendo tentado extorquir comissão sobre financiamento concedido por um banco francês.

Tem mais: Delfim Netto, no governo do general João Figueiredo, elegeu como negociador da dívida externa brasileira Tony Gebauer, que segundo se disse à época, levou uma “bolada” de 150 milhões de dólares. Sabem os eleitores para onde vai na próxima semana Gabauer, tão conhecido da ditadura militar? Passar dois anos na cadeia, por comandar fraude e corrupção no banco em que era diretor. Imaginem os golpes que deu nos cofres públicos brasileiros.

Temos toda a razão para crer que gorda parcela da dívida externa está em contas numeradas de maus brasileiros que se vangloriam, não de sua honorabilidade e sim de sua “competência”. Gabam-se de não deixar rastro. De não haver impressões digitais suas nos crimes cometidos e pelos quais todos estamos pagando.